

ALICÇÃO DE ALEXANDRE FERREIRA E INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

Pelo DR. FERNANDO DA SILVA CORREIA
Director do Instituto Superior de Higiene/Dr. Ricardo Jorge

Honrado com a convocação para depor, como pessoa responsável, ao ser comemorado o 25.º aniversário da Obra de Inválidos do Comércio, longe de procurar escusas, fáceis no decurso dumhas férias espontaneamente sabotadas, pelo contrário, tomei como ineludível dever aproveitar a oportunidade para continuar a saldar uma dívida que, não apenas os que, contribuindo ou não para esta associação mutualista e de assistência, beneficiam com a Obra ao invalidar-se, mas todos os Portuguezes, ficaram devendo a Alexandre Ferreira e aos seus dedicados colaboradores.

E, pois, com o maior prazer e honra que venho depor, sem ter de jurar, antes, que direi a verdade, pois respeito esta sempre sistematicamente, por educação e herança, e só a posso involuntária e excepcionalmente falsear quando se abuse da minha boa-fé ou os documentos hajam sido hábilmente falsificados, por nunca afirmar senão o que vejo ou posso documentar ou testemunhar com depoimentos de confiança.

Há 40 anos que me interessei pelos problemas da Assistência e há 30 pela história desta, de onde se possam tirar ensinamentos para o futuro. Quando em 1924 precisei de me documentar sobre um dos seus sectores, o da protecção à infância, e quis saber o que a tal respeito se havia feito em Portugal, desde os tempos antigos até àquela data, o nome de Alexandre Ferreira surgiu-me logo, em lugar de destaque. 25 anos depois, ao fazer o cómputo do que, em circunstâncias muito diferentes, após os aperfeiçoamentos da técnica e o auxílio financeiro do Estado, das autarquias administrativas e das instituições corporativas e particulares, impossível de obter um quarto de século antes, o nome de Alexandre Ferreira mantinha-se em lugar igualmente destacado, não só pelo que fizera de modelar antes, como, principalmente, pelo seu papel fundamental na criação dos Inválidos do Comércio.

Não é possível dizer em breves palavras tudo o que, aliás facilmente, documentaria o prestígio de Alexandre Ferreira como estimulador, orientador e organizador singular das instituições de assistência, de previdência ou mistas, que criou ou em que colaborou.

documentação e aos que duvidem estarão sempre pronto a esclarecê-los.

O que posso é afirmar categoricamente que Alexandre Ferreira é um símbolo do que se fez e um látego símbolo do que deixou de se fazer em matéria de assistência e previdência no seu tempo.

Como tal e em muito mais, a sua vida é excepcionalmente exemplar.

Tem-se discutido muito, não só em Portugal como em todo o Mundo, se é ou não ao Estado que incumbe exclusivamente a ministração da Assistência.

Tem-se afirmado inconscientemente que a assistência é um vexame, seja ministrada por quem for, depois de se ter dito o mesmo da caridade e da esmola, confundindo-se lamentavelmente o sentido das palavras, por se julgarem apenas pelos que praticam mal a assistência, a caridade e a esmola. No fundo o que se procura orgulhosamente é um pretexto para ingratições.

Espiritos que se dizem superiores, fanáticos duma ciência de que só conhecem, aliás, (e tantos deles rudimentarmente) um ramo isolado, sustentam que a Previdência cientificamente organizada dispensa sempre a assistência e que esta é uma reminiscência do período selvagem da humanidade, em que os instintos a dirigiam mais do que a inteligência. Estão convencidos, esses, vaidosamente, de que raciocinam, assim, inteligentemente...

Ignoram que a Ciência não é apenas constituída pelos ramos dela que eles cultivam e que as regras objectivas e exactas, em busca de leis que a matemática pode fiscalizar, são tão applicáveis à ciência como a outros sectores reais da vida que a ciência oficial desprezou durante muito tempo, relegando-os pedantemente para o âmbito das religiões e da filosofia metafísica. Criaram-se assim pseudo-sábios desumanos, tão longe da Verdade como qualquer camponês ignorante, mais cheios da vaidade de que enfermam sempre os que não profundam os problemas e contiam mais com o êxito jornalístico, desportivo, familiar ou do seu clan do que em honrar a inteligência que julgam possuir. Os utopistas campeiam por toda a parte em matéria de assistência e previdência, exibindo horrivelmente a sua ignorância.

O pior é que há vítimas do pedantismo, ignorância, levandade ou desuma-

ção são os fracos, são os que não podem bastar-se a si próprios e aos seus, mesmo no presente, quanto mais no futuro!

Ora a defesa dos fracos, dos que não têm assegurado o mínimo indispensável à existência, é um dever sagrado de todas as almas bem formadas e de todos os espíritos equilibrados, dos que, para demonstrarem inteligência, lá por que admiram certas páginas superiores de Nietzsche e de outros filósofos, não enfeudam o seu pensamento e a sua acção às loucuras cónicas e monstruosas que geraram certas barbaridades colectivas recentes, tristemente celebrizadas, praticadas por alguns leitores fanáticos desses autores, anti-humanos, anti-civisilizados, anti-sociais, em nome da inteligência redundante em loucura médica-mente documentável.

Há utopistas que enchem a boca com a técnica em matéria de assistência (técnica médica, pedagógica, contabilística, ginástica, etc.) como se qualquer delas, isolada, com muito pretensiosa «ciência», mas sem «sabedoria» ou bom-senso, bastasse.

Há os que julgam sufficiente a bondade, embora esta, só por si, possa levar a um empirismo perigoso ou inútil, por inefficaz.

Há os que só creem terem valor as obras dos seus correligionários, empregado o termo no sentido mais lato.

Há os que exclusivamente querem ver a assistência e a previdência realizadas ou só pelo Estado, ou pelas Juntas das Provincias, Câmaras Municipais, Juntas de Freguesia, Governos Civis, Corporações ou instituições particulares, nomeadamente as Misericórdias.

Há quem seja surdo aos ensinamentos da História, quem queira apenar ir a certo país (cada qual ao da sua simpatia), buscar modelos, ignorando as circunstâncias locais portuguesas, a psicologia dos necessitados, dos técnicos e dos dirigentes das instituições portuguesas, do meio e da vida portuguesa, actual e passada. Há quem só admire o que é «tradicional», apenas por o ser, sem olhar se presta, ou se não passa duma múmia.

Multiplicam-se os erros e os utopistas que desprezam os ensinamentos da experiência vivida pelos outros, que podem e devem evidentemente discutir com eles, não procurando estudar o

A PERSONALIDADE HUMANA dos Inválidos do Comércio

Por ARTUR PORTELA
Escritor e Jornalista

Obras como esta dos Inválidos do Comércio não se erguem com pedras justapostas, nem com rígidas estruturas de cimento.

Fazem-se com o heroísmo das almas e a ternura dos corações, que dão tudo, até o impossível, não conhecendo limites à bondade, nem ao sacrifício.

Inválidos do Comércio não é um banal asilo, nem um frio albergue; é antes, um lar, um encantado jardim, onde os trabalhadores do comércio descansam no final da existência, banhados, acarinhados — árei mesmo — beijados com infinita doçura pelo suave e tédido sol de Inverno. Há pomboas e flores na sua cerca, como há esperança e alegria na alma dos seus recolhidos.

Disse uma vez que era das mais belas obras de assistência que há em Portugal, pelo carácter, a expressão, a ternura que a têm sempre animado, elevado de surto em surto, numa força propulsora e vitoriosa.

Qual o segredo? É que Inválidos do Comércio não tem a rigidez de uma instituição específica, subordinada à frieza dos regulamentos.

É um verdadeiro lar, lar comum, onde os velhos e os que já não podem labutar, se encontram amigos e felizes, como se estivessem em sua própria casa, rodeados de conforto, entre as suas mais queridas e estremitadas recordações. Nela, os seus fundadores, entre os quais recordo, com pungente saudade, Alexandre Ferreira — alma de poeta em corpo de lutador — deram, logo de princípio, tal vez, sem se aperceberem, um alto, um incondicional valor à personalidade humana. Respeitaram-na, não a tornaram anónima. Cada um de nós é um nome e não um número; uma consciência viva, não matéria avulsa.

Santa humanidade laica a vossa!

Bem merecem os que a iniciaram e os que a trouxeram até nossos dias, depois de um quarto de século de sublimes abnegações e cansaças. Que magnífica vitória!

E agora quero confessar: se não limitar da velhice, que já avisto, dolorosa e triste, não encontrar uma porta que se abra aos meus passos vacilantes, iri peitar-me um cantinho, o mais humilde desse magnífico paraíso, dizendo:

— Não sou dos vossos, mas deixai-me entrar, bons

UM HOMEM E UMA OBRA

Pelo Prof. catedrático CAETANO BEIRÃO DA VEIGA
Da Universidade Técnica

Que me deve, afinal, Inválidos do Comércio, além do justo apreço em que tenho esta prestimosa instituição benemerente? Nada, absolutamente nada, além da grande simpatia e admiração que lhe dedico.

Apesar de assim ser, as suas devotações. Direcções não perdem oportunidade de me distinguir com provas de consideração e estima.

Ainda agora, a propósito da celebração do 25.º aniversário me quiseram honrar, convidando-me a inserir no presente número único, comemorativo do glorioso acontecimento, um artigo de minha autoria.

Tal honra, que muito grata me é, obriga-me, gostosamente, a aceder ao expresse convite.

Se, muita vez, tenho lamentado a escassez de qualidades para o desempenho de várias incumbências, nesta emergência, mais do que nunca, lamento tal carência, pois ser-me-ia imensamente reconfortante poder responder condignamente a tão gentil honraria.

No que vou expressar, não porei eloquência nem elegância de forma, por escassez de qualidades, mas sim o franco aplauso admirativo pela obra, já tão grande, realizada em Inválidos do Comércio.

Com o número único, a que estas singelas palavras se destinam, celebram-se as bodas de prata da meritória instituição. Nesta festiva e solene hora recordo, com saudade profunda, a nobre figura de Alexandre Ferreira, lutador intemerato, altruista congénito, ganhador e realizador de bondades e de benemerências, que não hesitou, em horas cruciantes da sua nobilitante existência, sacrificar-se a si próprio e aos seus, para acudir aos trabalhadores comerciais vencidos pela idade ou pelas adversidades da vida.

Inválidos do Comércio são a expressão tangível de seu sonho de idealista e se agora pudéssemos tê-lo a nosso lado, contemplando a beleza da grande obra já realizada, e bem patente, ele viveria horas de imenso prazer moral, em que encontraria a satisfação plena dos sacrifícios que suportou para dar-lhe realidade.

Nada mais grato é ao sentimento de um cristão do que contemplar instituições onde se derrama o bem e se corre para atenuar a desgraça alheia.

Em Inválidos do Comércio cultiva-se esse espírito de amparo devotado, que enxuga as lágrimas dos infelizes e lhes dá a certeza de que o homem é irmão

Aqui, há 25 anos, ainda a comunidade portuguesa não havia, em sua verdade, sentido a ética obrigação, que lhe cabe, de não deixar resvalar para a miséria os seus esforçados componentes menos favorecidos pela sorte.

Hoje o Mundo, embora hostil e feroz, já, através das organizações modernas de assistência social, esboça fortes tendências para garantir aos trabalhadores liberais aquela tranquilidade de espírito que deriva da confiança de serem-se protegidos nas possíveis crises amargas de futuro infortúnio. E, se bem que ainda a obra de previdência social esteja muito longe das finalidades alvejadas, já muitos trabalhadores comerciais sabem que poderão contar, pelo menos, com o escassamente necessário para viverem decorosamente, os dias, quicá tristes, de sua velhice e invalidez.

Mas, quando Inválidos do Comércio foi idealizado e os fundamentos da obra grande que hoje é, se começaram, modestissimamente, a erguer, a mentalidade colectiva, no capítulo da assistência às classes trabalhadoras liberais, era quase inexistente. O Estado não cuidava ainda, a sério, de tão grave problema, e o homem, quando esgotado no esforço mercantil, somente teria o recurso do apelo à dádiva generosa e às vezes, ao catre no hospital, como último refúgio.

As noções de dignidade humana andavam ainda, pelo menos entre nós, na infância. Em certos sectores de actividade económica, como na mercantil, os trabalhadores não contavam senão com a generosidade incerta de incertas amizades. Colectivamente, nada se lhes garantia e, com frequência, ao cabo de longos anos de trabalho, a miséria espreitava-os como recompensa do esforço dispendido, durante a operosa existência, em benefício do próprio agregado social.

Foi este quadro negro, estampado no fundo, mais ou menos longínquo, da vida do trabalhador comercial, que fez ocorrer às nobres consciências de alguns espiritos de elite a ideia da previdência que, ora, Inválidos do Comércio lhes presta.

O problema, dentro do sector industrial, pôs-se com antecipação em relação ao sector comercial e os operários da indústria já se achavam, mais ou menos, agasalhados nos grandes centros fábric, com certa eficiência, porque, entre eles, nasceu primeiramente o espírito de solidariedade e porque o seu número imponente levou os homens de Estado de então a considerá-lo mais cedo. Aqui, este aspecto, revestia-se,

publica, enquanto que no sector comercial, por falta de coesão entre os seus obreiros que, dispersos, não mantinham entre si laços de contínuo entendimento e convivência, a protecção assistencial retardou-se.

Inválidos do Comércio veio preencher uma triste lacuna, não por iniciativa do Estado, mas por florescência de altos sentimentos altruístas de alguns espíritos de bela formação moral.

Não sei, com segurança, afirmar se agora, Inválidos do Comércio, que já se apresenta como instituto de valioso vigor filantrópico, merece maior admiração pela obra realizada do que nos momentos iniciais da sua gestação, em que, a cada momento, as crescentes responsabilidades de frontavam dificuldades financeiras gravíssimas.

Hoje, o País sabe o que essa casa é e representa, mas, nesses outros tempos, quando ainda era ignorada pelo grande público, somente a vontade firme de incomensuráveis dedicações conseguia encontrar simpatizantes e generoso auxílio.

Nestas obras de sublime idealismo o mais difícil é iniciar a marcha, depois, quando que seja alguma parte do caminho, e podendo patentear-se aos olhos de todos a evidência do bem derramado, a vida da instituição, embora quase sempre difícil, leva o convencimento aos descrentes e toma alento novo e ascensional o seu desenvolvimento. A semente, quando cai na terra, representa sempre um mistério futuro, mas desde que se inicia a germinação e o crescimento, torna-se menos incerto o seu destino, ateciados os seus rebentos e estimados os seus prováveis frutos. Surgem, então, espontâneos protectores, que amparam a planta e a defendem dos vandalismos destruidores.

Inválidos do Comércio conquistou, já, a respeitosa estima do público, que olha esta Casa com carinho afecto e a ajuda com acertada dedicação. Mas, antanho, quando Alexandre Ferreira a souhou e foi, por assim dizer, o seu semeador, ele quase se encontrava isolado no meio português, em que a céptica desconfiança e o conservantismo fechavam ouvidos às suas eloquentes palavras de fé. O combate foi duro, de todas as horas, de todos os momentos, para alicerçar o instituto benemerente, idealizado nos sonhos generosos do filantrópico convite.

Ainda, hoje, são as suas palavras e exemplos que animam a instituição.

Em Inválidos do Comércio, Alexandre Ferreira, apesar de prematuramente derrubado pela morte física incruenta,